

DOCUMENTO ESPECIAL: “Gênero” publica resultados de ampla pesquisa desenvolvida por uma das maiores especialistas nacionais em trabalho feminino.

MÚLTIPLAS TEMPORALIDADES DE REFERÊNCIA: TRABALHO DOMÉSTICO E TRABALHO REMUNERADO EM UMA PLANTAÇÃO CANAVIEIRA

Neuma Aguiar

Universidade Federal de Minas Gerais

Contribuições teóricas recentes permitem reunir uma série de dimensões que afetam o uso do tempo em uma dada sociedade e em um determinado momento histórico que busco aproveitar na análise de um estudo de caso de uma plantação canavieira. Uma destas possibilidades teóricas é a do enfoque sobre o curso da vida que delimita o início e o fim da existência de agentes sociais, levando em conta suas histórias reprodutivas – importante fator na determinação das atribuições domésticas. Vida cotidiana e fatores naturais também interferem nas atividades produtivas, além do uso da maquinária (que acelera o ritmo das transformações agrícolas e fabris). Esse uso da técnica, entre outras relações sociais, tem sido privilegiado pela análise marxista do tempo de trabalho humano, pois o seu emprego tem conseqüências para o controle do tempo dos assalariados em uma dada empresa (THOMPSON 1967, p. 57-97), fator que vinculo, no presente estudo de caso, a outros parâmetros delimitadores da temporalidade, ampliando o número de dimensões associadas ao uso do tempo, para além do paradigma da produção. Para estudar essas múltiplas temporalidades de referência, elegi os membros de grupos domésticos que trabalham e dependem, para a sua subsistência, do espaço de uma sociedade de plantação, com um complexo de fazendas e indústria, além do conjunto de residências construídas em seu redor – local onde labutam e residem. Discuto tanto o seu dia-a-dia quanto as suas atividades remuneradas. Como trato especificamente de um sistema de plantação, incluo as estações do ano na análise do conjunto de fatores temporais que influenciam a participação na vida organizacional. O calendário das atividades rurais e industriais articula o dia-a-dia da coletividade que ali labuta e reside, possibilitando que se observe a coordenação temporal de um grande número de pessoas, inclusive a de co-residentes, trabalhadores e trabalhadoras, uma vez que a empresa regula as jornadas de trabalho, e arquiva informações sobre as mesmas, buscando coordenar, padronizar e concatenar essas atividades. Os indicadores se fazem

presentes na utilização do tempo por trabalhadores e residentes em tal complexo institucional, os quais se posicionam, uns em relação aos demais, organizando-se em locais que fazem parte do cenário da interação, usando, no processo, uma definição temporal que vai além daquela estabelecida pela empresa. A plantação canieira estudada, portanto, constitui um sistema social, isto é, um conjunto de práticas situadas, compondo um padrão de organização social que se reproduz no tempo e no espaço. Observando-se tais configurações é possível identificar os princípios estruturais da organização social (GIDDENS, 1995, p. 26-27), apreendendo-se sua persistência no tempo e no espaço. As práticas, por sua vez, são compostas por interações regularizadas: as mais persistentes compreendem instituições sociais (GIDDENS, 1995, p. 42). Esta regularidade pode ser apreendida pelo estudo do uso do tempo.

TEMPO E ESPAÇO

Na análise da temporalidade em organizações, Zerubavel (1985, p. 138-166) e Giddens (1987, p. 140-165), baseando-se em Weber, analisaram a separação entre locais de residência e de trabalho remunerado, como o fator determinante do processo de racionalização das atividades produtivas o que, apontam eles, possibilita a rotinização do trabalho. Ao separar o espaço doméstico, este deixou de ser objeto de interesse sociológico, negligenciando-se as tarefas rotineiras não-remuneradas – e até as remuneradas – que podem ser construídas em seu interior, deixando apenas implícita a hipótese de que atividades efetuadas no espaço doméstico seriam mais imunes à rotinização. A perspectiva que adoto no presente estudo é distinta da elaborada por aqueles autores, uma vez que busco reunir as dimensões pública e privada das práticas sociais, considerando o intercurso e as trajetórias entre local de residência e o de trabalho remunerado – dimensões provedoras da subsistência dos grupos domésticos, articulados à plantação. Esta conjugação entre a temporalidade doméstica e a da organização formal do trabalho remunerado, apesar de não antevista por Giddens (1995, p. 90-108), pode ser compreendida no que o autor denominou de processo de distanciamento no tempo e no espaço, quando é possível estudar o grau de afastamento ou de aproximação entre os locais da casa e do trabalho remunerado. É viável efetuar essa análise conjunta de público e privado também pela análise de gênero dos usos do tempo, tema que desenvolverei mais adiante. Veja-se, porém, em primeiro lugar, a delimitação do espaço em que a utilização do tempo será apreendida.

Locais, no presente estudo, constituem cenários para a interação, possuindo características físicas ou propriedades materiais que devem ser especificadas no que diz

respeito a sua utilização humana. Residências são locais em que ocorre a interação face-a-face na vida cotidiana. Elas são analisadas, no presente estudo, por sua situação regional na plantação canavieira. Podemos considerar o conjunto de locais de moradia, ou vizinhanças, juntamente com os de plantio, colheita e transformação da cana em açúcar e álcool, como compreendendo uma região. A posição da moradia perante os locais de transformação agrícola e industrial vem se alterando. A plantação canavieira estudada é herdeira do sistema escravista. No primeiro período de transformação das relações patriarcais para as de trabalho livre, as relações sociais que incluíam as de moradia paulatinamente se modificam. Historicamente, portanto, a instituição representava simultaneamente um local de subsistência e de trabalho para os trabalhadores escravos que transformavam a produção agrícola. Em um segundo momento dá-se a dissociação entre atividades de trabalho remuneradas (por diárias, meias diárias, e por produção) e as de moradia (incluindo-se as de subsistência própria e da família), novamente reunidas pelo estudo do uso do tempo que possibilita a observação do distanciamento variável entre casa e trabalho remunerado. A posição da casa quanto ao espaço de produção de mercadorias afeta o uso do tempo, uma vez que as formas de controle social sobre a residência variam com essa posição.

TEMPORALIDADE E ORGANIZAÇÕES

O mundo moderno, de acordo com Giddens (1987, p. 155), se caracteriza pela presença crescente de organizações, cuja cultura é representada pela intensificação de formas de supervisão destinadas ao controle e à coordenação das atividades de seus membros. A perspectiva daquele autor contém duas dimensões temporais: uma delas é de caráter histórico, referindo-se à dimensão da modernidade; a outra é de caráter cotidiano, envolvendo formas de manejo da vida de trabalhadores e trabalhadoras (no presente caso, estas são representadas pelo sistema de residências em volta da plantação, possibilitando a supervisão direta das moradias). A posição da casa no sistema de plantação se modifica com o tempo. No presente estudo, o controle sobre a vivenda dos trabalhadores e trabalhadoras, e sobre a sua reprodução biológica vem se modificando ao longo da história, pois mantenho que a forma de articulação das habitações em relação ao trabalho remunerado é dotada de historicidade. Faço uso aqui da análise de Zerubavel (1985, p. 31-40) que aponta para os mosteiros como a primeira modalidade de organização social que introduziu rotinas reguladoras do conjunto da vida dos religiosos, quando todos os momentos do cotidiano dos monges passam a ser ocupados com atos

de oração, chegando ao ponto em que a duração de determinadas rezas passa a constituir a própria medida da temporalidade.

Os mosteiros foram as primeiras instituições que contribuíram para disseminar essa dimensão interna de controle temporal para as populações não residentes, quando por meio de relógios e sinos, os religiosos passaram a indicar os horários tanto para residentes quanto para não residentes dos mosteiros. Neste caso, observamos que o sistema de moradia, em um primeiro momento histórico, faz parte constitutiva do tipo de organização que Goffman denominou de instituição total (ZERUBAVEL, 1985, p. 62-63). Num segundo momento, todavia, a organização se torna mais complexa e o sistema de controle da temporalidade dos trabalhadores e trabalhadoras se diferencia, dando margem ao distanciamento no tempo e no espaço de que nos fala Giddens (1984). Embora o autor afirme não ser um evolucionista, o processo de modernização confere às sociedades um caráter de irreversibilidade histórica - fator presente em teorias evolucionistas - uma vez que a modernidade se efetiva pela existência histórica de uma multiplicidade de organizações complexas. A ampla presença destas formas de interação, no contexto contemporâneo, distingue-as, historicamente, do momento em que ainda eram pouco freqüentes. Giddens (1987) observa que organizações tradicionais são dependentes de relações pessoais e de métodos de supervisão coercivos. Organizações modernas dependem de meios impessoais de controle. Quanto mais alta a posição do empregado na empresa, mais indiretas e impessoais serão as formas de controle temporal sobre ele exercidas. Giddens (1987) aponta que agroindústrias fortemente marcadas pelas estações do ano oscilam entre sistemas de supervisão que conferem baixa autonomia aos trabalhadores, na época da safra, e alta autonomia, na entressafra. O duplo sistema – de controle e autonomia –, interpreta o autor, confere tensões às relações entre trabalhadores e empresários. Na sociedade que estudamos, todavia, a entressafra é também um momento de dispensa de mão-de-obra. Como os empresários possuem o poder de destituir, a maior autonomia administrativa que os trabalhadores gozam durante a entressafra não significa um afrouxamento do poder sobre eles exercido. Cabe acrescentar ainda, neste ponto, que o sistema de estratificação ocupacional também se apresenta das moradias.

TEMPORALIDADE E CURSO DA VIDA

Barbara Adam (1990) estende uma perspectiva de Giddens (1984) ao observar que o tempo humano inclui processos biológicos, físicos, psicológicos e sociais entre outros, observáveis a partir da corporalidade de todos os seres humanos. O corpo, em sua

perspectiva, como todos os objetos da natureza, possui uma temporalidade própria, entre nascimento e morte, isto é, determinada pelo curso da vida. A visão de Adam pode ser completada pela de Elias (1992a), quando este último sugere que o tempo, por ser um conceito síntese, transformado em símbolo para possibilitar a sociabilidade humana, só pode ser atualizado socialmente quando os sujeitos adquirem capacidade de simbolizar (ELIAS, 1992a, 1992b), sendo então dotados de reflexividade, podendo, então, monitorar suas próprias atividades. Segundo Elias (1992a), isto só ocorre por volta dos sete anos de idade, antes disso os bebês se comportariam como uma “*tabula rasa*”, pautando a temporalidade por suas necessidades biológicas, sendo, no entanto, passíveis de condicionamento pelo mundo adulto, antes que possam se autodeterminar. Este processo é distinto da automonitoria que se desenvolve, apenas, a partir da capacidade de simbolizar, incluindo-se, aí, a de temporalizar. As crianças dependem inicialmente dos adultos que se ocupam de sua socialização. Estes também se encarregam, simultaneamente, das múltiplas demandas temporais sofridas a partir da sociedade. Os infantes só posteriormente conseguem desenvolver sozinhos a aptidão de coordenar suas atividades com as de outras pessoas. Quanto menor a criança, maior a sua demanda pelo tempo dos adultos para a satisfação de suas necessidades biológicas e psíquicas. A qualidade da demanda é peculiar, uma vez que a criança não se pauta por relógios, calendários ou agendas e sim pelos sinais de seu próprio corpo. Estas, contudo, não são as únicas demandas temporais que os adultos sofrem, sendo simultaneamente constrangidos a partir das atividades geradoras de rendimentos, entre outras atividades que requerem regularidade temporal.

Elias (1992b) elabora a perspectiva sobre a capacidade de simbolizar dos seres humanos, contestando a noção Kantiana de que a razão conteria noções *a priori* como as de tempo e espaço, desenvolvidas independentemente da aprendizagem, o que as caracterizaria como potencialidades inatas dos indivíduos, sendo, portanto, pré-sociais. Uma discussão recente sobre a influência de Newton na perspectiva de Kant foi elaborada por Domingues (1995). Essa dimensão teórica sobre o tempo pode ser contrastada com a que anteriormente predominava nas Ciências Sociais, também sob o impacto de Newton (SOROKIN; MERTON, 1937). Alguns cientistas sociais contemporâneos ainda utilizam a visão filosófica kantiana, aponta Elias, oferecendo, como exemplo, Claude Lévi-Strauss na análise dos princípios de construção simbólica no *Pensamento selvagem*. Os símbolos, aponta Elias (1992b) são transmitidos de uma geração para a outra pela linguagem falada. Essa transmissão só é possível quando o aparato corporal adquire a

capacidade de emitir, perceber, armazenar e evocar os padrões sonoros de uma determinada linguagem com sua associação simbólica – uma explicação que aproxima natureza e cultura. O amadurecimento corporal prepara os seres humanos para a vida em sociedade. Os símbolos, todavia, não são parte do equipamento biológico. Este último precisa se desenvolver para que a capacidade de simbolizar também se desenvolva (ELIAS, 1992b, p. 36-38).

TEMPORALIDADE E RELAÇÕES DE GÊNERO

As mulheres têm sido as principais agentes socializadoras de crianças no aparato simbólico da vida social. Essa atribuição deriva-se, em parte, (1) de seu lugar biológico – são as mulheres que dão à luz e possuem a capacidade de amamentar os filhos, desenvolvendo um conhecimento das necessidades infantis a partir da comunicação pré-linguística dos bebês –, e (2) das relações de gênero – os cuidados com as crianças podem ser efetuados por qualquer pessoa adulta, inclusive os de alimentá-los com mamadeiras. O conceito de gênero se refere às formas de organização social em que homens e mulheres se inserem, e também às relações de poder que permeiam sua interação social. O sistema de poder é exercido pelos homens no controle do comportamento sexual e reprodutivo das mulheres. Mediante essa forma de domínio é regulada a capacidade reprodutiva das mulheres. Observa-se aqui como o lugar diferenciado de homens e mulheres na reprodução biológica traduz-se num conflito, na esfera social, a respeito do controle sobre o corpo feminino. Este conflito, embora se organize a partir de diferenças biológicas, a elas não se reduz, articulando-se pelo fato de as mulheres guardarem no corpo, e por vários meses, as conseqüências da fecundação, enquanto os homens têm o efeito de sua aptidão reprodutiva alienado de seu corpo quando a concepção ocorre. Quando um homem deseja ter filhos, ele necessita persuadir uma mulher a guardar em seu corpo o resultado da concepção até o momento da procriação. Em função das relações de poder, as mulheres, ao se unirem aos parceiros, devem prestar-lhes serviços domésticos – situação também passível de conflito (Barbieri 1992). Quando as mulheres concebem, as atribuições sociais de cuidados com os filhos são maiores para elas. Esses fatos representam temporalidades distintas para homens e mulheres. Em primeiro lugar, o ciclo vital feminino é fortemente demarcado pela sua capacidade de dar à luz, desde a menstruação até a menopausa, passando por sua história sexual e reprodutiva. O curso da vida masculino não tem os mesmos pontos de inflexão, embora em certas culturas sejam destacados os ritos de passagem à puberdade.

Quanto às atividades remuneradas, o chefe de família é visto pelas empresas como alguém que pode se dedicar mais ao trabalho, e a empregada de firmas como alguém que está desenvolvendo no emprego uma atividade complementar à de casa. Historicamente, o sistema de plantações contratava o chefe de família, tendo em vista o número de seus co-residentes, tais como a mulher, filhos e filhas, entre outros membros da família estendida, potenciais trabalhadores familiares não-remunerados. Esta situação se altera quando o trabalho passa a ser individualmente contratado. A divisão do trabalho por gênero representa utilizações diferenciadas do tempo cotidiano para homens e mulheres. Quanto maiores as famílias, maiores as demandas domésticas pelo tempo das mulheres. O arranjo social se modifica quando o trabalho em casa é igualmente compartilhado por todos, isto é, quando se atenua a dominação de gênero, dando lugar a uma situação não hierarquizada. Os efeitos da subordinação doméstica podem ser dirimidos por intermédio da criação de equipamentos coletivos que efetuem os cuidados com as crianças, o preparo de alimentos e o cuidado com as pessoas doentes, inválidas, aposentadas, idosas etc. Estas organizações estão ausentes na população estudada. As mulheres têm sido mediadoras entre as demandas de tempo efetuadas pelas crianças ainda incapazes de monitorar suas próprias atividades e as solicitações do mundo racionalizado em que predominam as atividades remuneradas, situação que pode ser estudada com os dados da pesquisa.

TEMPORALIDADE ENTRE A POPULAÇÃO NÃO-LETRADA

Ao analisar padrões de temporalidade, Giddens (1984) distinguiu entre sociedades letradas e iletradas, seguindo Lévi-Strauss, quando aponta que o uso da escrita é uma dimensão fundamental para distinguir entre sociedades que possuem ou não um conceito de história. A escrita é o fator determinante para o estabelecimento da concepção de passado e, conseqüentemente, para a de futuro, isto é, para a elaboração do sentido de direção, elemento decisivo para a monitoração das atividades cotidianas por parte dos sujeitos. Apesar disso, estudos antropológicos do uso do tempo em sociedades não letradas são comuns (GROSS, s. d.; CEBOTAREV, 1985).

Giddens não diferenciou sociedades parcialmente letradas, das letradas e iletradas. De fato, o autor utilizou um sistema classificatório tripartido: sociedades tribais, sociedades divididas em classes e sociedades capitalistas industriais ou sociedades de classes (Giddens (1995, p. 90-108). A seu ver, as sociedades tribais são aquelas que não possuem escrita e não diferenciam passado de futuro. As sociedades com escrita confeririam um caráter de irreversibilidade ao tempo que vivenciam.

No Brasil, analfabetos são iletrados, participantes de uma sociedade com um sistema educacional altamente diferenciado. Esse sistema de estratificação educacional possivelmente explica o porte mínimo das pesquisas realizadas sobre o tema, bem como a preferência pela observação participante como método de estudo. Renovado interesse predomina, apesar do pessimismo de Lavinias e Castro (1995), o que pode ser comprovado pelas resoluções da Conferência Mundial de Mulheres em Beijing (1995), concretizando propostas iniciadas na Conferência Mundial de Mulheres no México (SZALAI, 1975). Analfabetos convivem com as elites educadas, usando outras formas de tomada de consciência do tempo que não dependem da alfabetização. As fábricas empregam apitos para anunciar as horas de início e término das atividades fabris, bem como os períodos de descanso entre blocos de atividade. Outros indicadores de temporalidade são usados na vida cotidiana pela população estudada, como o horário dos ônibus que circulam na vizinhança e os transmitidos pelos meios de comunicação de massa como o rádio e a televisão. Formulei para a presente pesquisa a concepção de que sociedades parcialmente letradas desenvolvem a noção de temporalidade antes da capacidade de escrever, pois aprendem o sistema numérico antes do alfabeto, conhecendo o sistema monetário e as horas, antes de desenvolverem as habilidades formais da leitura. Este fato representou um desafio para o levantamento de campo porque lidei com uma população de baixo nível educacional, necessitando desenvolver instrumentos de avaliação do uso do tempo que pudessem ser utilizados por essa população.

O CARÁTER MULTIDIMENSIONAL DO TEMPO

Justificamos a concepção de múltiplos parâmetros de temporalidade, quando analisamos: (1) a situação dos agentes no sistema social estudado, isto é, sua historicidade; (2) os efeitos das estações do ano em suas práticas; (3) as conseqüências das mudanças nas relações de gênero nos padrões sociais de reprodução biológica, particularmente ante a presença de crianças; (4) as mudanças do curso da vida e (5) as alterações do ritmo de produção determinado pela utilização de máquinas na organização das atividades transformadoras da cana de açúcar em produto industrializado.

O tempo, seguindo a visão de Norbert Elias (1992), é um conceito sintético, construído no decorrer da história, por uma geração após a outra. O tempo representa um meio de orientação dentre variados processos de ordem biológica, física e social, dimensões importantes no presente estudo de caso, pois as atividades na plantação canavieira estudada são fortemente impregnadas pelas estações do ano, bem como pela velocidade

das máquinas, pelo curso da vida de trabalhadores e trabalhadoras com ela associados e, ainda, pelas relações de gênero. O conceito faz parte do processo civilizatório, variando em complexidade de acordo com o grau de desenvolvimento da sociedade, possuindo um caráter multidimensional pois inclui simultaneamente natureza e cultura, isto é, compreende a temporalidade decorrente da demanda de crianças, quando presentes, e a oriunda da vida adulta, inclusive a do cultivo e colheita da cana-de-açúcar – trabalho esse contratado por produção, com ritmo fortemente sazonal – e a originária da utilização de maquinária, cujo manejo resulta na repetição contínua de tarefas produtivas na transformação da cana em álcool e açúcar, por trabalhadores cujo tempo de trabalho é adquirido pela empresa. O uso do tempo encontra-se também fortemente impregnado pelos padrões de atividade familiar. Esta visão se diferencia da que dissocia da natureza a temporalidade dos seres humanos socialmente organizados pela atividade industrial (ELIAS, 1992, p. 8-9).

Na concepção aqui empregada, os agentes sociais criam meios para se orientarem uns em relação aos outros, relacionando suas posições em duas ou mais seqüências de eventos, regulando o seu comportamento pelo dos demais membros da sociedade. Uma das expressões do tempo tomadas como ponto de referência é compreendida por fenômenos naturais como o suceder do dia e da noite, ou o das estações do ano. Outra é derivada da física, aquilatando o tempo como um dado mensurável dentre uma série de eventos não-naturais. Medidas da temporalidade tanto podem ser referidas a instrumentos quanto aos fenômenos naturais acima mencionados. As medidas são transformadas em símbolos, para que os indicadores da temporalidade possam ser compartilhados por todos. Natureza e cultura guardam uma relação, e a temporalidade observada pela duração de um dia permite constata-la, afirmam Elias (1992) e Adam (1999). Quanto mais desenvolvida é a sociedade, apontam Giddens (1987) e Elias (1992), maior o papel de medidas abstratas decorrentes das invenções do relógio e do calendário. Uma das questões estudadas no presente trabalho sobre os usos do tempo reside exatamente na conjunção entre a temporalidade medida por horas e minutos, a representada pelas estações do ano, a da sucessão dos dias e das noites, e a representada pelo suceder dos dias da semana, temas que trataremos em seguida, relacionados à operacionalização dessas dimensões.

TEMPORALIDADE: DIAS DA SEMANA E HORÁRIOS

Dia e ano referem-se a periodicidades naturais derivadas da rotação da Terra em torno do Sol e em torno de si mesma. Já a semana e os horários cotidianos são dimensões

sociais, derivados historicamente da regularidade da vida monástica que indicava o ritmo diário das atividades litúrgicas, e quando os sacristãos deveriam bater os sinos marcando o tempo para o acordar, o dormir, as refeições, a missa, e as orações. Quando reificamos, esquecemos que a semana e os horários têm um caráter convencional, considerando a temporalidade medida pelo relógio como também detendo um caráter natural. De início, as horas eram de tamanho variável, pois eqüivaliam à divisão do dia em intervalos iguais, o que resultava em medidas diferenciadas do tempo cotidiano para o verão e para o inverno. Os horários, portanto, não podiam indicar a duração dos eventos. Com o desenvolvimento científico e tecnológico, os intervalos de tempo passaram a ter tamanhos iguais. Na presente investigação, empreguei relógios digitais para a avaliação do uso do tempo, mas a maioria dos membros dos grupos domésticos estudados não possuíam relógios de pulso. Verifiquei, no entanto, que todos sabiam efetuar a leitura das horas em relógios digitais.

DURAÇÃO, RITMO E EVENTOS

A vida cotidiana é razoavelmente organizada e a temporalidade é um dos parâmetros fundamentais desta ordenação. Utilizamos o conceito de evento para analisar o uso do tempo por trabalhadores em uma plantação canavieira. Este tem sido empregado na análise histórica para o estudo de processos de longa duração e para a transformação de estruturas sociais com resultados críticos para as práticas existentes (SEWELL, 1990). Eventos, todavia, significam um acontecimento ou ocorrência de qualquer espécie. A noção também tem sido empregada para se referir a períodos demarcadores do curso da vida de indivíduos ou de uma população determinada (TUMA; HANNAN, 1984). Consideramos, no presente caso, que a vida cotidiana pode ser compreendida como uma micro-história. Podemos, assim, analisar eventos como acontecimentos que demarcam as atividades da vida cotidiana. Assim como os eventos históricos se sobrepõem e se interpenetram os que estudamos também podem se superpor e se interrelacionar quando analisamos a estruturação da vida cotidiana. Se compreendemos os eventos como seqüências de ocorrências que transformam estruturas, então uma ocorrência pode ter uma duração variada o que deixa em aberto a amplitude de um evento. A sua delimitação depende do fenômeno a ser explicado. No presente caso, estudamos a duração de atividades domésticas e remuneradas de trabalhadores e residentes em uma plantação canavieira, analisando duração, interrupção e ritmo de ocorrência dos eventos.

A PESQUISA

Para elaborar o estudo, empreguei uma estratégia de levantamento do material empírico composta por três estágios. O primeiro consistiu num processo de observação para a construção do sistema classificatório das atividades cotidianas dos membros dos grupos domésticos. Com tal finalidade, foram extraídas, diariamente, por uma semana, amostras do uso do tempo em moradias pré-selecionadas (ACHARYA, 1982), diferentemente posicionadas no sistema de plantação (casas da plantação, de invasão, da Cooperativa de Habitação – sendo adquiridas pelos trabalhadores da plantação –, e casas próprias – situadas em terras que pertenceram à plantação em outra época). Todas deveriam possuir pelo menos quatro coresidentes. Pela observação participante, foram registradas a cada 15 minutos todas as atividades desenvolvidas por todos os moradores. Os registros foram então codificados. O código final obtido recebeu a seguinte classificação: atividades relacionadas (1) com o preparo de alimentos do grupo doméstico: arrumar a mesa, servir, lavar a louça das refeições, limpar os locais em que os alimentos foram preparados e servidos; (2) com limpeza dos cômodos com exceção dos referidos no item 1; e das roupas, o que inclui lavar, passar, costurar, remendar; (3) com cuidados com as crianças pequenas - compreende amamentar, dar alimentos na boca, vestir, lavar e limpar as crianças; (4) com atividades remuneradas; (5) com compras; (6) com sono; (7) com lazer. Os quatro primeiros conjuntos de tarefas foram levantados por meio de um questionário aplicado a todos os trabalhadores e trabalhadoras residentes em volta da plantação canavieira. Nesse conjunto perguntou-se que atividades eram desenvolvidas pelos co-residentes dos grupos domésticos na safra e na entressafra, indagando-se, também, sobre as mudanças em seu desempenho através do curso da vida das mulheres – tomadas como pessoa de referência em cada residência. Esse recurso possibilitou relacionar o exercício das atividades selecionadas, com a posição dos coresidentes no grupo doméstico no interior do sistema de plantação canavieira. Na análise empreendida a seguir, apresentarei, primeiramente, este material que utiliza uma dimensão mais geral do uso do tempo.

Um diário de campo foi especialmente modelado para populações com baixo nível educacional mediante desenhos que lhes foram apresentados, com homens e mulheres desenvolvendo os mesmos sete grupos de atividades. Foram selecionados 50 grupos domésticos do total de 650 listados na pesquisa anterior, compreendendo o total de 742 trabalhadores e trabalhadoras que residiam em volta da plantação canavieira estudada. Do conjunto selecionado, obtivemos a participação de 44 casas. As recusas ocorreram

entre grupos que possuíam um número de co-residentes muito grande, dois com 16 pessoas, dois com 17 e dois com 19, apontando para o limite do uso desse tipo de diários para famílias grandes. Em cada residência, em consulta com os moradores, escolheu-se a pessoa responsável pelas planilhas de orçamento do tempo, que deveriam ser assinaladas com um lápis de cor distinto para cada pessoa, indicando o horário de início e de conclusão de cada atividade. Ofereceu-se a cada informante um relógio digital. Observou-se que, apesar do baixo nível educacional dos moradores e moradoras, todos conheciam o sistema numérico, habilidade fundamental para efetuarem transações com dinheiro. No final do trabalho, o relógio foi oferecido de presente aos entrevistados. Durante três dias, aplicou-se experimentalmente o diário do tempo, para possibilitar a familiarização de informantes e supervisores no preenchimento da planilha. Cinco auxiliares recrutadas na comunidade efetuaram as atividades de supervisão duas vezes por dia. O uso do método equívaleu a uma intervenção na comunidade, uma vez que poucos possuíam relógios de pulso, baseando suas atividades cotidianas no apito da fábrica, nos programas de rádio e de televisão, no movimento de ônibus e de trens, e na rotina das lojas. Cada registro, equivalente ao decorrer de uma atividade, desde o início até o seu fim, foi tratado como um evento – um período demarcador tomado como unidade de observação, cujas médias de ocorrências e de durações foram então obtidas.

A Divisão do Trabalho por Gênero na Safra e na Entresafra.

Em primeiro lugar, é possível tomar a safra e a entresafra como dois pontos demarcadores da temporalidade para os co-residentes em observação. A época da safra é aquela em que há mais atividades remuneradas no sistema de plantação, quer em suas atividades rurais, quer em industriais. Podemos agora tomar a hipótese desenvolvida por Giddens de que a alternância das atividades de trabalho entre as duas estações do ano representa uma variação na estrutura de autoridade da organização, dada a rigidez do controle fabril na safra, e da predominância de atividades mais livres no período da entresafra. Pela Tabela 1 há pouca diferença na divisão do trabalho por gênero, quando se compara as duas estações. Apesar disto observamos ligeiras variações entre os dois períodos, uma vez que há mais chefes de família empregados na plantação durante a safra: 56,5% dos que contribuem com dinheiro na safra são os maridos das donas de casa – estas últimas tomadas como pessoa de referência no grupo doméstico - em comparação com 54,1% na entresafra, com a mesma condição no domicílio; 27,2% dos colaboradores com dinheiro na safra são os pais da dona de casa; em comparação com 26,1% na entresafra; 8,6% dos contribuintes na safra e 7,9% na entresafra são outros

parentes do sexo masculino. Estes homens são os principais contribuintes com rendimentos para a subsistência do grupo doméstico. Já na entressafra, há um ligeiro incremento da participação de outros membros do grupo doméstico do sexo feminino: 2,5% do total de contribuintes na entressafra, em comparação com 2,3% na safra; e o percentual de esposas que são as principais provedoras também é ligeiramente maior - 5,7% do total das donas de casa na entressafra, em comparação com 5,5% na safra -. Apesar das diferenças serem extremamente pequenas o conjunto delas aponta em uma mesma direção, com um decréscimo da participação masculina e um acréscimo das atividades femininas, no sustento da casa, durante a entressafra. Isto se dá porque o tempo de transformação industrial também depende das atividades agrícolas e das estações do anos. Na entressafra uma parte da força de trabalho perde o emprego, inclusive na indústria, permanecendo no trabalho apenas a mão de obra de difícil substituição. A estrutura de poder da empresa pouco se altera, dada a possibilidade que trabalhadores e trabalhadoras têm de perder do emprego com a mudança da estação, sendo a divisão do trabalho por gênero mantida no interior da esfera doméstica. Os homens pouco colaboram com as atividades da casa, sendo as diferenças mais acentuadas entre a geração dos pais e a dos maridos da pessoa de referência. Cuidado com as crianças e maior contribuição com dinheiro são os indicadores mais acentuados da divisão do trabalho por gênero.

Comparando-se as duas estações, pela Tabela 1, verifica-se como é pequena a variação entre as atividades desenvolvidas pelos vários membros dos grupos domésticos, comparando-se safra e entressafra, apesar de consistente segundo as linhas da divisão do trabalho por gênero. Como a diferença é diminuta, apresentaremos, em seguida, apenas as tabelas relativas à entressafra. Com o uso do questionário a unidade de análise é o indivíduo. Responderam às perguntas todas as mulheres que residiam em residências com trabalhadores na plantação selecionada para o estudo. O questionário foi elaborado como um instrumento de apoio aos dados longitudinais, desenvolvidos na mesma pesquisa, sendo limitado para um recorte transversal. Portanto, os dados aqui exibidos consistem em um pano de fundo para a discussão subsequente do material obtido com as planilhas de uso do tempo. Mais adiante, apenas, apresentaremos as tabelas baseadas nos diários, quando a unidade de análise torna-se o evento. Justifica-se a escolha da entressafra pelo interesse nos efeitos da redução nesse período, da demanda de força de trabalho pelo sistema produtivo da plantação. Desenvolvi essa questão em outro texto (Aguiar 1996) quando contrastei o recrutamento de trabalhadores e trabalhadoras, usando

as folhas de registro da plantação. Ali observei que embora na plantação a mão de obra seja preponderantemente masculina, a mão de obra feminina aumenta em épocas críticas.

Tabela 1: Divisão do Trabalho por Coresidentes Entre os Membros de Grupos Domésticos que Dependem para sua Subsistência de uma Plantação Canavieira, na Safra e na Entresafra

Safra

Quem faz:	Comida	Limpeza	Compras	Cuidados c/ Crianças	Contr. Dinh.*
Dona de Casa	62,8	57,5	45,4	66,4	5,5
Marido	-	0,1	16,7	0,8	56,5
Mãe	23,3	5,7	17,3	10,7	-
Pai	0,1	-	9,2	-	27,2
Outros Parentes do Sexo Feminino	13,5	35,8	8,2	21,9	2,3
Outros Parentes do Sexo Masculino	0,3	0,8	3,2	0,3	8,6
Total	(742)	(742)	(742)	(393)	(696)

Entresafra

Dona de Casa	62,5	57,4	45,0	62,3	5,7
Marido	0,3	0,1	16,0	0,7	54,1
Mãe	23,5	5,8	17,5	17,0	3,7
Pai	-	0,1	9,6	-	26,1
Outros Parentes do Sexo Feminino	13,5	35,8	8,6	19,5	2,5

Outros Parentes do Sexo Masculino	0,3	0,3	3,2	0,5	7,9
Total	(742)	(742)	(742)	(411)	(721)

*Contr. Dinh. :Quem é o principal Contribuinte com Dinheiro para a Subsistência Doméstica

Apresentarei, em seguida, apenas, as tabelas que se referem à mais extrema divisão, quando encontrei, por gênero, a maior especialização nas atividades (1) de cuidados com as crianças e (2) de principal contribuição com dinheiro para a subsistência doméstica. Os dados obtidos com questionários não possuem a especificidade dos que foram obtidos subseqüentemente por diários, pois os apurados com este último instrumento se referem a uma semana de uma única estação do ano. Já os resultados desenvolvidos a partir do questionário representam generalizações sobre o uso do tempo a partir da experiência de cada respondente, derivada da agregação, efetuada pela memória, do conjunto de vivências relacionadas à safra e à entressafra. O processo de caracterização do emprego do tempo mediante a utilização de diários é distinto do efetuado por questionários, exigindo-se dos respondentes um grau de minúcia mais preciso com referência ao relógio.

Espaço e Relações de Gênero em uma Plantação Canavieira

Para a dimensão do espaço consideraremos duas variáveis. A primeira diz respeito à localidade em que está situado o grupo doméstico. A segunda diz respeito à condição da moradia em que reside, isto é, se a casa é própria, alugada, sendo adquirida, de invasão ou de propriedade da firma. Ururaí apresentou um número muito pequeno de casas com crianças pequenas, tendo sido agregada à Tapera, para fins de exposição, o que pode ser conferido pela Tabela 2. Neste ponto, torna-se necessário esclarecer que a presença de crianças depende da etapa do curso da vida das mulheres e dos homens, componentes dos grupos domésticos. Em outro texto (Aguiar 1996) observei que as mulheres entre 30 e 40 anos de idade, nessa região, tinham mais de 6 episódios de gravidez em suas histórias de vida, e as de 15-29 anos apresentavam mais de 3. As

residências mais antigas, com trabalhadores mais velhos, embora com longa história reprodutiva, também possuem menos crianças, pois estes moradores já criaram seus filhos. Porém, deve-se também considerar que nelas muitos cederam uma parcela do quintal para que filhos e filhas aí construíssem suas moradia e constituíssem prole. Em época passada, o sistema de plantações oferecia a casa ao chefe de família, único trabalhador recrutado com remuneração. Os proprietários mantinham a expectativa de que toda a família participasse das atividades rurais como familiares não remunerados. Nas casas mais pobres, há muitos trabalhadores rurais não qualificados. Também nestes locais, há filhos jovens que ainda vão com as mães para a lavoura agrícola, apesar da crescente importância da escolaridade nesta região do Brasil. Na vizinhança onde há grande proporção de empregados no setor terciário, há também muitas crianças de colo, pois trata-se de famílias com jovens donas de casa.

Tabela 2: Quem Cuida das Crianças e é o Principal Provedor da Subsistência do Grupo doméstico na Entresafra, por Vizinhança em Volta de uma Plantação Canavieira.

a) Cuidados com as Crianças

Vizinhanças	U. e T. (1)	Bras. (2)	Brilh. (3)	Am.P. (4)	Ilha (5)	Rua da Pl. (6)
Dona de Casa	52,3	51,4	75,0	67,7	52,4	53,8
Marido	7,2	-	-	-	-	-
Mãe	19,1	28,0	10,2	12,5	12,5	19,2
Pai	-	-	-	-	-	-
Outros Parentes do Sexo Feminino	21,4	20,6	13,9	18,8	28,1	26,9
Outros Parentes do Sexo Masculino	-	-	0,9	1,0	-	-
Total	(42)	(107)	(108)	(96)	(32)	(26)

b) Principal Contribuinte com Dinheiro para a Subsistência do Grupo Doméstico

Dona de Casa	5,4	5,9	3,2	7,0	8,3	6,7
Marido	47,4	46,1	66,2	57,3	50,0	55,6

Mãe	4,3	4,6	3,2	1,8	11,1	2,2
Pai	32,2	32,9	20,4	21,1	11,1	31,1
Outros Parentes do Sexo Feminino	3,2	3,2	1,9	2,3	-	2,2
Outros Parentes do Sexo Masculino	7,5	7,3	5,1	10,5	19,4	3,2
Total	(93)	(219)	(157)	(171)	(36)	(45)

Nota: Vizinhanças - (1) Ururaí e Tapera; (2) Brasília; (3) Brilhante; (4) Amaral Peixoto; (5) Ilha; (6) Rua da Plantação

Em Ururaí e Tapera 52,3% dos cuidados com as crianças são efetuados por mulheres. 19,1% por suas mães; 21,4% por outros parentes do sexo feminino. Estas também São as únicas localidades em que 7,2% dos cuidados com as crianças são realizados pelos maridos, possivelmente colaborando mais em casa para que suas esposas possam contribuir com dinheiro para o orçamento doméstico. Brasília, Ilha e Rua da Plantação, em contraste com Ururaí e Tapera, são semelhantes por possuírem um contingente mais restrito de membros do grupo doméstico cuidando das crianças, sendo essa redução maior na Ilha e na rua da Plantação. Em Brasília, 51,4% dessa atividades são exercidas pelas donas de casa, 28% por suas mães e 20,6% por outros parentes do sexo feminino, revelando que aí a dona de casa conta mais com a ajuda de outras mulheres, particularmente com a de suas mães. Na Ilha 52,4% dos cuidados com as crianças são exercidos pelas donas de casa, assim, neste lugar, em contraste com Brasília, elas contam menos com suas mães na luta diária, pois apenas 12,5% dessas atividades são efetuadas por suas genitoras. Há, também, na Ilha, mais participação de outros parentes do sexo feminino que desempenham 28,1% do total de cuidados com as crianças. Na Rua da Plantação, as mães das donas de casa são menos ativas nesse labor que as demais parentes. Os percentuais deste desempenho são os seguintes: 53% efetuados pelas donas de casa; 19% por suas mães e 26% por outros parentes do sexo feminino. Na Amaral Peixoto que juntamente com a Ilha constituem os casos de residência mais precária – sem banheiro ou água encanada -, 67,7% dos cuidados com as crianças são exercidos pela dona de casa; 12,5% por suas mães; 18,8% por outros parentes do sexo feminino e 1% por outros parentes do sexo masculino.

Vejam agora as contribuições com dinheiro por vizinhança. Dentre todos os locais, no Brilhante há a maior proporção de maridos (66,2%) e a menor de esposas

(3,2%) - como os principais provedores da casa, na entresafra. As outras participações na manutenção doméstica são as seguintes: 20,4% das colaborações financeiras como renda primordial são realizadas pelos pais da dona de casa; 5,1% por outros parentes do sexo masculino; 3,2% pelas mães; e 1,9% por outros parentes do sexo feminino. Ururaí e Tapera (agregados na Tabela 2), bem como Brasília, são localidades que possuem perfis muito parecidos, de colaboração financeira com a casa pelos membros de seus grupos domésticos, por isso analisaremos em conjunto seus percentuais. Os maridos (47,4% e 46,1%), seguidos muito de perto pelos pais (32,2% e 32,9%) e mais longinquamente por outros parentes do sexo masculino (7,5% e 7,3%) são os principais patrocinadores da economia doméstica. Destaca-se a importância da contribuição dos pais, a mais alta dentre todas as vizinhanças. Isto deve ocorrer pela importância que aí detém a família estendida. As mães das pessoas de referência, nestes lugares são as que mais contribuem para a renda familiar dentre todas as localidades (4,3% e 4,6%). No interior do grupo doméstico, contudo, essa participação está um pouco abaixo da apresentada pelas donas de casa (5,4% e 5,9%). Inferior, ainda, encontra-se a colaboração financeira de outros parentes do sexo feminino (3,2% nas duas vizinhanças). Examine-se, agora, os locais com casas mais precárias. Na Amaral Peixoto, 57,5% dos provedores são os maridos; 21,1% são os pais; 10,5% são outros parentes do sexo masculino. Já 7% das donas de casa, 1,8% de suas mães e 2,3% de outros parentes do sexo feminino ganham o pão da casa – o peso da colaboração das primeiras cresce, quando os dois outros grupos de mulheres contribuem pouco, e a participações dos pais é menor, denotando existir famílias com menor presença de pais e mães, ou com grande diferenças geracionais; ou com redução da importância da família estendida. No caso da Ilha não há outros parentes do sexo feminino como contribuintes. Esta é também a vizinhança onde há a maior proporção de donas de casa provedoras (8,3%). As outras participações no orçamento doméstico são assim distribuídas: 50% dos maridos; 11,1% das mães; 11,1% dos pais e 19,4% de outros parentes do sexo masculino. Chegamos, enfim à rua da Plantação, onde a principal manutenção da casa é auferida por 6,7% das donas de casa; 2,2% das mães; e 2,2% de outros parentes do sexo feminino; 55,6% dos maridos; 31,1% dos pais; e 3,2% de outros parentes do sexo masculino.

A tarefa de cuidados com as crianças ainda é basicamente feminina, uma vez que há uma única vizinhança em que os maridos estão mais disponíveis para o trabalho com os filhos. Outros parentes do sexo masculino aparecem ajudando em mínima proporção, e quase não há casos de ajuda por parte do pai da dona de casa. Em todas as outras

vizinhanças esse é um trabalho desempenhado pela dona de casa, em primeiro lugar; por sua mãe, em segundo lugar; e por outros parentes do sexo feminino, em terceiro lugar. Já o trabalho de provisão da casa também é desempenhado por mulheres, embora este caiba primordialmente aos maridos; secundariamente aos pais; e, em terceiro, a outros parentes do sexo masculino. Nas vizinhanças mais pobres encontramos a maior proporção de donas de casa desenvolvendo todas essas funções. Nelas se atenua o padrão de família estendida, caso em que há a colaboração simultânea de várias gerações, e até as mães contribuem para com a subsistência. O Brilhante é a vizinhança que apresenta a maior conformidade com a família do tipo burguesa moderna (Vaitsman 1994), isto é, com a maior especialização entre as atividades de provisão e de cuidado com as crianças. Nos locais em que as mães das donas de casa ajudam mais com as crianças, elas também ajudam menos como contribuintes, mas seus maridos, os pais da dona de casa, contribuem percentualmente mais para com a subsistência doméstica. Nas vizinhanças onde os maridos contribuem proporcionalmente menos com dinheiro, eles também ajudam mais com as crianças. A estratificação espacial das casas está associada à divisão do trabalho por gênero. Retornarei mais adiante à dimensão espacial em relação ao uso do tempo.

Vejamos agora o segundo indicador da dimensão do espaço, o que possibilitará indagar sobre como ocorreu, historicamente, a distribuição dos trabalhadores e trabalhadoras em volta do sistema de plantação:

Tabela 3: Quem Cuida das Crianças e Provê, em Primeiro Lugar, a Subsistência do Grupo Doméstico, na Entresafra, por Tipo de Inserção da Moradia em um Sistema de Plantação Canavieira.

a) Cuidados com as Crianças:

Condição no Domicílio:	Tipo de Moradia			
	Própria	De Firma	Sendo Adquirida ou Alugada	Invasão
Dona de Casa	59,4	58,8	72,0	60,0
Marido	1,6	-	-	-
Mãe	19,2	19,6	11,8	16,2

Pai	-	-	-	-
Outros Parentes do Sexo Feminino	18,7	21,6	16,2	23,8
Outros Parentes do Sexo Masculino	1,1	-	-	-
Total	(187)	(51)	93)	(80)

b) Principal Contribuinte com Dinheiro para a Subsistência do Grupo Doméstico

Condição no Domicílio:	Tipo de Moradia			
	Própria	De Firma	Sendo Adquirida ou Alugada	Invasão
Dona de Casa	5,9	4,4	3,6	8,5
Marido	48,4	57,1	66,2	55,6
Mãe	4,3	1,1	2,1	6,0
Pai	28,8	29,7	21,6	19,6
Outros Parentes do Sexo Feminino	4,0	2,2	0,7	-
Outros Parentes do Sexo Masculino	8,6	5,5	5,8	10,3
Total	(374)	(91)	(139)	(117)

Olhando primeiramente para os totais de eventos em números absolutos na tabela, onde as cifras estão entre parênteses, podemos interpretar que a maior parte dos trabalhadores e trabalhadoras conseguiu se ver livre do aluguel, quer por serem proprietários - ou posseiros - de suas residências, quer por residirem em terrenos invadidos. Onde predomina a família estendida, há casas construídas no terreno dos pais, antigos trabalhadores e moradores da plantação da plantação cujo local de residência vem freqüentemente representando uma indenização trabalhista da empresa. Há uma menor parcela dos que está pagando aluguel ou adquirindo sua moradia. Este é o caso dos que receberam financiamento de longo prazo para aquisição de casas próprias, construídas pela Companhia Estadual de Habitação (CEHAB) em terrenos cedidos pela plantação em estudo. Há enfim, os que permanecem na condição de moradores em terras

da plantação, com casa e trabalho como locais pertencentes a uma mesma região sistêmica. Os que residem em casas sendo adquiridas são também os maiores dependentes dos rendimentos do dono da casa. Nessa modalidade, em termos percentuais, os pais da dona da casa aparecem bem menos como contribuintes. Com freqüência, encontra-se, no caso de proprietários, que estes deixam filhos ou filhas construírem suas residências no mesmo terreno de suas casas. Os recursos são então compartilhados. Embora as moradias de pais e filhos sejam em tetos separados, as residências são adjacentes. Trata-se, de fato, de uma família estendida residindo no mesmo quintal. No caso das invasões, contudo, há contribuições mais diversificadas em uma mesma família e a dona de casa é a provedora principal, em proporção um pouco maior que nos demais tipos de residência. Nestas últimas, a divisão do trabalho por gênero ocorre com maior freqüência entre outros parentes do sexo masculino e feminino. Enquanto estas se especializam nos cuidados com as crianças, aqueles o fazem no que se refere à provisão familiar

De todos os tipos de moradia, nas casas sendo adquiridas ou alugadas, os cuidados com as crianças são assim distribuídos: em 72% dos casos eles são efetuados pelas donas de casa; em 11,8% pelas suas mães; e em 16,2% por outros parentes do sexo feminino. Nesse mesmo tipo de residência a provisão da casa é efetuada da seguinte maneira: em 66,2% dos casos ela é realizada pelos maridos; em 21,6%, pelos pais; em 5,8% por outros parentes do sexo masculino; em 3,6% pelas donas de casa; em 2,1% pelas mães e em 0,7% por outros parentes do sexo feminino. Já mencionamos acima o tipo da família burguesa moderna. A divisão do trabalho é acentuada, por gênero, os homens não colaboram com os cuidados com as crianças, apenas com rendimentos. São escassas as mulheres provedoras desta geração, ou da anterior. Observemos agora as casas próprias: 59,4% dos cuidados com as crianças são prestados pelas donas de casa; 19,2% por suas mães; 18,7% por outros parentes do sexo feminino, 1,6% pelos maridos e 1,1% por outros parentes do sexo masculino. Quanto aos proventos para a manutenção da casa, 48,4% são consignados principalmente pelos maridos, 28,8% pelos pais da dona de casa; 8,6% por outros parentes do sexo masculino; 5,9% pelas donas de casa; 4,3% por suas mães e 4% por outros parentes do sexo feminino. As famílias são maiores, há mais pessoas disponíveis para os trabalhos doméstico e extra-doméstico. Neste caso, há pelo menos uma proporção mínima de homens colaborando com as crianças – com exceção da geração dos pais da dona de casa. Embora relativamente bem menos que os homens, há provedoras de renda doméstica, em todas as gerações.

Podemos agora passar para os dados da pesquisa do uso tempo por meio de diários especialmente preparados para a sua utilização por pessoas com baixo nível de instrução. Como dito acima, a unidade de análise nesta pesquisa é o evento. Antes de retomar a questão da divisão do trabalho por gênero, é importante observar a distribuição dos eventos, na vida cotidiana, pelo exame da semana. Já indicara Szalai (1975) que os estudos de uso do tempo devem permitir a comparação entre os dias da semana e os Sábados e Domingos. O município onde o estudo foi realizado é notório pela presença da igreja católica tradicionalista que se rebelou contra várias práticas da igreja católica convencional, quando esta última mudou os rituais religiosos, tendo em vista o aumento da participação popular, rezando a missa em Português, com o padre voltado de frente para os fiéis. Já aquela facção religiosa, além de manter a missa em Latim, e o sacerdote de costas para os acólitos, também coloca ênfase no vestuário dos seguidores. Os padres e poderosos locais exigem que as mulheres vistam roupas com mangas e saia compridas, sem decotes, cabeça coberta com véu, apesar do calor que predomina na maior parte do ano, sem qualquer exigência semelhante para os homens. A localidade possui um templo tradicionalista e outro convencional, próximos um ao outro. A igreja tradicionalista, contudo, é bem mais ampla, bem no centro da Brasília, tendo o lote sido doado quando a plantação Cupim ainda era de propriedade de uma firma multinacional francesa. Seguidores dessas práticas conservadoras são encontrados a todo o momento. Um dos diretores do Instituto do Açúcar e do Alcool encarregou o porteiro da instituição de interditar o acesso de mulheres, portando vestido sem manga, aos seus serviços públicos. A importância da religião católica (tradicional ou convencional) e de outras denominações protestantes deixa entrever o caráter sagrado dos Domingos, mais reservados ao descanso.

Os dados da Tabela 4 foram obtidos mediante a aplicação de um diário do tempo para a apreensão do cotidiano doméstico, em uma semana da entressafra. Escolhemos essa época por se tratar de um período em que há maior disponibilidade de mão de obra. Observe-se que nessa tabela, a unidade de análise é o evento, isto é a duração entre o início e o final de uma determinada atividade, pelos membros do grupo doméstico, por dia da semana.

Duração dos Eventos por Dia da Semana

Tabela 4: Duração dos Eventos de Trabalho Remunerado por Dia da Semana

Eventos Duração em Horas	Dia da Semana						
	Sexta	Sábado	Domingo	Segunda	Terça	Quarta	Quinta
Até 1	16,2	36,4	36,7	17,8	20,7	19,4	15,2
1-4	17,9	11,3	6,7	14,1	16,3	16,8	14,6
4-8	57,2	46,4	50,0	58,3	56,0	57,4	60,1
8-12	1,7	1,3	1,7	1,8	0,5	0,6	2,2
12 e mais	6,9	4,6	5,0	8,0	6,5	5,8	7,9
Total	(173)	(151)	(60)	(163)	(184)	(155)	(178)

Se olharmos em primeiro lugar para o total em números absolutos da Tabela 4, observamos que o Domingo é o dia em que há a menor freqüência de eventos de trabalho remunerado (60 ocorrências). A segunda menor freqüência é a do Sábado (151). Os eventos relativos às atividades remuneradas possuem durações variadas. Durante a semana, a diferenciação provavelmente ocorre por se tratar da entressafra, período em que os trabalhos de colheita e de transformação da cana são reduzidos. Outro determinante que pode estar atuando nesta variabilidade é o fato dos contratos serem por vezes celebrado com empreiteiros que os subcontratam com os trabalhadores, por produção. Este é também o período em que atividades femininas remuneradas passam a ter um peso maior no orçamento doméstico. Dentre elas devem ser contadas as atividades agrícolas de pequena duração e os trabalhos a domicílio destinados ao mercado (como a confecção de tapetes, costuras e doces, entre outros).

Olhando para a distribuição de freqüências em termos percentuais verificamos que os moradores da plantação trabalham até no Sábado e no Domingo, embora, na ocasião, reduzam não apenas o número de eventos de trabalho, mas também a sua duração relativa. Há ainda uma pequena proporção daqueles cuja jornada de trabalho permanece longa, mesmo nessa oportunidade. Em todos os dias, úteis ou não, há atividades remuneradas de pequena duração. Quase 2/3 dos eventos de trabalho remunerado, durante a semana, referem-se a jornadas completas de trabalho. A plantação Cupim manteve, nesse ano, um pouco mais da metade da mão de obra empregada. A instabilidade é grande para a mão de obra pouco qualificada, particularmente para a empregada na agricultura. No trabalho agrícola de alta especialização, com uso de

tecnologia, tais como o de tratores ou equipamento de irrigação, não há mulheres trabalhando.

Tabela 5: Duração dos Eventos de Lazer por Dia da Semana

Eventos Duração em Horas	Dia da Semana						
	Sexta	Sábado	Domingo	Segunda	Terça	Quarta	Quinta
Até 1	9,1	13,7	10,4	11,5	14,2	8,5	13,4
1-4	67,4	60,0	52,8	64,5	62,0	65,4	64,6
4-8	16,8	14,5	21,8	11,3	14,2	15,9	12,3
8 e mais	6,7	11,8	15,1	12,6	9,5	10,2	9,8
Total	(328)	(415)	(432)	(385)	(358)	(295)	(359)

A tabela 5 que se refere aos eventos de lazer completa o retrato oferecido pelas atividades remuneradas, acentuando o caráter convencional dos dias da semana, uma vez que o Sábado e o Domingo são aqueles dias que apresentam a maior quantidade de eventos (em números absolutos) com essa forma de entretenimento. Estudos sobre o tempo alocado ao lazer têm sido privilegiados por antropólogos (Gross n/d:11). Domingo, também, é o dia que apresenta a maior incidência de lazer em termos relativos, quase 2/5 dos eventos duram mais de 4 horas, enquanto em cada um dos outros dias da semana a proporção dos que caem no mesmo intervalo é de cerca de 1/4 do total dos eventos de lazer computados para aquele dia. A distribuição das freqüências é a seguinte: no Sábado, 13,7% dos eventos de lazer duram cerca de 1 hora; 60% de 1-4 horas; 14,5% de 4-8 horas; e 11,8% de 8 horas e mais. No Domingo, 10,4% duram até 1 hora; 52,8% de 1-4 horas; 21,8% de 4-8 horas; 15,1% perfazem 8 horas e mais. No final da semana aumenta a proporção relativa de eventos na faixa de duração mais alta. Na Quarta e na Sexta-feira, respectivamente, 8,5% e 9,1% dos eventos de lazer duram até 1 hora; 65,4% e 67,4% de 1-4 horas; 15,9% e 16,8% de 4-8 horas; e 10,2% e 6,7% duram 8 horas e mais – as freqüências dos eventos de lazer, neste último intervalo de duração, são relativamente menores que no final de semana. Padrão semelhante ocorre nos demais dias, porém em comparação com aquelas duas datas, há, nas Segundas, tanto um incremento dos eventos que recaem nas faixas de duração mais curta (11,5%), quanto na mais alta (12,6% do total). As demais cifras são: 64,5% no intervalo de 1-4 horas de lazer;

e 11,3% de 4-8 horas de duração. O encurtamento do lazer, para alguns, neste dia, tem a ver com o início das atividades remuneradas no começo da semana. Como essas atividades não são constantes na entressafra, a duração do lazer pode ser maior para os que não vão para a lida no campo, ou para os que redistribuem suas atividades a domicílio, remuneradas ou não, ao longo da semana. Nas Segundas e Quartas há uma freqüência maior de lazer na faixa de 8 horas e mais, do que nas Terças e Quintas, deixando entrever a possibilidade de que elas sejam programadas, alternado períodos de descanso com o trabalho extenuante, particularmente o efetuado com enxada e foice.

Vejamos agora, pela Tabela 6, o que acontece com o cuidado com as crianças. Sábado e Domingo, isto é, o final da semana é também a ocasião em que os pequeninos recebem a maior quantidade de cuidados. Em termos percentuais, todavia, todos os dias úteis apresentam a maior freqüência relativa de eventos de longa duração (12 horas e mais). Isto ocorre porque as crianças não são reguladas pelos horários da firma. As necessidades infantis constituem um dos principais determinantes da demanda pelo tempo dos adultos. No final da semana, a presença de outros adultos em casa significa não apenas um maior número de pessoas disponíveis para os pequenos, mas também que as crianças necessitam dividir a atenção de suas mães com outros adultos. De Segunda à Sexta, de 59,3% a 65,2% dos eventos diários caem no intervalo de maior duração (12 horas e mais). Aos Sábados e Domingos, a distribuição proporcional desses cuidados é a seguinte: 5,9% e 13,8% até 1 hora; 20,4% e 17,2% de 1-4 horas; 17,6% e 10,3% de 4-8 horas; 2,9% e 3,4% de 8-12 horas; e 44,1% e 55,2% de 12 horas ou mais. Não vou ler de modo combinado os percentuais dos dias da semana. Observe-se pela Tabela 6, o progressivo crescimento da proporção relativa dos eventos de cuidados que duram até 1 hora por dia, durante a semana. Enquanto as atenções de pequeno porte com os pequenos aumentam de Segunda até Sexta, as que duram de 12 horas ou mais se reduzem relativamente. Os adultos concentram os cuidados no início da semana, e os limitam quando a semana vai chegando ao fim, talvez porque considerem que no final da semana eles contarão com mais pessoas em casa.

Tabela 6: Duração dos Eventos de Cuidados com as Crianças por Dia da Semana

Eventos Duração em Horas	Dia da Semana						
	Sexta	Sábado	Domingo	Segunda	Terça	Quarta	Quinta
Até 1	11,1	5,9	13,8	-	4,0	5,0	7,7
1-4	18,5	20,4	17,2	8,7	4,0	25,0	15,4
4-8	3,7	17,6	10,3	21,7	24,0	10,0	11,5
8-12	7,4	2,9	3,4	4,3	8,0	-	3,8
12 e mais	59,3	44,1	55,2	65,2	60,0	60,0	61,5
Total	(27)	(34)	(29)	(23)	(25)	(20)	(26)

Como apenas cerca de metade das casas averiguadas possui crianças pequenas necessitando de cuidados, incluo, neste ponto, também o horário das atividades dedicadas ao preparo da alimentação, e da limpeza, tarefas mais constantes e comuns entre os grupos domésticos pesquisados. Pela Tabela 7, observando-se os totais em números absolutos, vê-se que os moradores utilizam menos os Sábados e Domingos para cozinhar os alimentos, possivelmente usando a tradição do ajantarado no final da semana. De maneira geral, todavia, o tempo cotidiano levado no preparo das refeições, qualquer que seja o dia, é curto, pois os eventos, nesta categoria, geralmente duram até 1 hora por dia. Na Segunda, 97,7% dos eventos caem neste intervalo, na Terça, 94,9% dos eventos possuem duração semelhante. Há, na Terça, uma proporção ligeiramente maior de eventos de cocção que duram 1 hora ou mais. O alongamento dessa atividade pode estar relacionado ao tipo de fogão usado. O gás é empregado para um aquecimento rápido da comida, porém o feijão é preparado no fogão de lenha, na cozinha ou no fundo do quintal. O fogão a gás é um símbolo de **status**, sendo mantido impecavelmente limpo, por muitas famílias, na sala de visitas. Nas residências mais pobres, os fogões rústicos são mais usados.

Tabela 7: Duração dos Eventos de Preparo da Comida por Dia da Semana

Eventos Duração em Horas	Dia da Semana						
	Sexta	Sábado	Domingo	Segunda	Terça	Quarta	Quinta
Até 1	96,5	96,4	96,2	97,7	94,9	96,9	97,4
1 e mais	3,5	3,6	3,8	2,3	5,1	3,1	2,6
Total	(201)	(192)	(185)	(221)	(216)	(195)	(227)

As atividades de limpeza ocupam um pouco mais de tempo diário do que as de preparo da alimentação. Poucos desses eventos ocorrem aos Domingos em comparação com os outros dias (observando-se as frequências em números absolutos). Todavia, há um padrão variado em sua distribuição, sugerindo que os membros do grupo doméstico efetuam as atividades de limpeza regularmente, às Segundas, Terças, Quintas e Sábados, embora as atividades realizadas aos Sábados tenham maior duração (72,1% dos eventos de limpeza duram até 1 hora e 27,9% duram 1 hora ou mais). O Sábado possivelmente é dedicado por muitos à faxina geral. Na Terça, nova investida mais prolongada na limpeza. Há dias em que há mais eventos de duração mais curta, e outros com menor número de eventos de maior duração. Observe-se que há dias de funcionamento da Usina, muito poluidora, em que as fornalhas espalham cinzas da queima de combustível por toda a parte. Nestes dias, todas as casas ficam sujas a um só tempo. Porém os cuidados com a residência variam de acordo com o número de pessoas que nela permanecem, idade, padrões de limpeza e com as condições de moradia - estes dois últimos fatores estão relacionados com a estratificação social.

Tabela 8: Duração dos Eventos de Limpeza da Casa por Dia da Semana

Eventos Duração em Horas	Dia da Semana						
	Sexta	Sábado	Domingo	Segunda	Terça	Quarta	Quinta
Até 1	88,2	72,1	81,9	81,9	79,8	76,8	80,7
1 e mais	10,8	27,9	18,1	18,1	20,2	23,2	19,3
Total	(93)	(111)	(83)	(116)	(109)	(82)	(119)

A quantidade e a duração dos eventos, pelas Tabelas de 4 a 8, possibilitam aquilatar o caráter convencional dos dias da semana. Os eventos de trabalho remunerado são menos freqüentes e duram menos no Domingo, o mesmo ocorrendo com as tarefas domésticas, uma vez que por tradição religiosa, este é o dia dedicado ao descanso. Nas casas onde há crianças, todavia, estas atividades continuam sendo as mais exigentes de todas, apesar da maior disponibilidade de tempo de seus moradores, com mais pessoas em casa. O padrão de atividades nesse dia, portanto, é bem distinto dos demais. O uso do tempo no Sábado é relativamente semelhante ao do Domingo, embora muitas atividades de trabalho doméstico, como as de limpeza da casa, se organizem nesse dia.

A Divisão do Trabalho por Gênero, quanto à Duração dos Eventos

Tabela 9: Atividades Remuneradas ou Não de Acordo com Relação Familiar com a Dona de Casa

Condição no Domicílio	Cozinha	Limpeza	Cuidados com Crianças	Trabalho Remunerado	Compras
Dona de	69.4	67.6	83.7	10.4	45.1
Filha/Neta	7.4	12	-	19.8	10.8
Mãe	16.3	8.4	11.4	0.6	5.1
Irmã	4.6	6.9	-	5	7.4
Marido	0.7	1.1	4.3	25.3	9.1
Filho/Neto	1	2.7	-	19.7	13.2
Pai	0.1	0.6	0.5	3.5	5.1
Irmão/Outro	0.5	0.8	-	15.8	3.6
Total	(1437)	(713)	(184)	(1064)	(173)

Pela Tabela 9, cozinhar, lavar, comprar e trabalhar mediante remuneração são funções repartidas entre todos os membros da família, embora a esposa execute mais as três primeiras tarefas, e o marido a última. As atividades de cozinha e limpeza, embora exercidas primordialmente pela dona de casa, são divididas por um grande número de membros da família, geralmente do sexo feminino. Os cuidados com as crianças, ao contrário dos serviços de cozinha e limpeza, são indivisíveis: só os parentes muito próximos se ocupam com elas. Apesar da eventual ajuda de outros parentes do sexo feminino, lembrada pelas respondentes do questionário, isso não foi observado com o uso dos diários. A dona de casa se ocupa com 84% dos eventos e secundariamente sua mãe (avó das crianças) com 11%. O marido e o pai (avô das crianças) desempenham

marginalmente a tarefa, registrando, respectivamente 4% e 1% dos eventos de cuidados com as crianças.

Observando-se, agora, pela Tabela 10, a duração dos trabalhos remunerados, vemos, pela distribuição dos eventos em números absolutos que as filhas casadas se engajam em atividades remuneradas mais freqüentemente que as donas de casa. Mães e netas quase não as exercem. A duração diária dessas atividades também é reveladora. Entre as donas de casa 49,5% dos eventos de trabalho remunerado perfazem até 1 hora por dia; 12,6% de 1-4 horas; 27,8% de 4-8 horas; 2,7% de 8-12; e 8,3% de 12 horas e mais. Entre as filhas casadas, 42% dos eventos duram até 1 hora; 20,3% de 1-4; 32,7% de 4-8. Entre as irmãs, os eventos de atividades remuneradas são mais freqüentes do que entre as mães e as netas das donas de casa, 1,9% duram até 1 hora; 28,3% de 1-4; 58,5% de 4-8; 1,9% de 8-12; 9,4% perfazem 12 horas e mais. A predominância de atividades de pouca duração (até 1 hora), entre as donas de casa e filhas casadas, deixa entrever que esse trabalho é possivelmente efetuado em casa, de forma combinada com as atividades domésticas. É notória a presença local de fábricas de **Jeans** que subcontratam o trabalho a domicílio. Há também, atividades artesanais exercidas de entremeio com as domésticas, particularmente nos casos em que há filhos pequenos. Existe também a possibilidade do exercício de tarefas rurais de curta duração características de final de colheita.

Tabela 10: Duração dos Eventos de Trabalho Remunerado por Gênero e Condição no Domicílio

Eventos Duração em Hora	Mulheres: Condição no Domicílio				
	Dona de Casa	Filhas Casada s	Mãe	Irmãs	Netas
Até 1	49,5	42,0	-	1,9	-
1-4	12,6	20,3	83,3	28,3	100,0
4-8	27,8	32,7	16,7	58,5	-
8-12	2,7	-	-	1,9	-
12 e mais	8,3	4,8	-	9,4	-
Total	(111)	(207)	(6)	(53)	(3)

Eventos Duração em Horas	Homens: Condição no Domicílio				
	Maridos	Filhos Solteiros	Pais	Irmãos	Netos
Até 1	17,1	14,8	-	6,7	-
1-4	7,4	19,4	8,1	7,3	35,7
4-8	69,5	57,7	89,2	73,8	64,3
8-12	1,2	1,5	-	3,0	-
12 e mais	4,8	6,6	2,7	7,1	-
Total	(269)	(196)	(37)	(164)	(14)

Podemos observar, também pela Tabela 10, que há grande proporção de maridos, de filhos solteiros e de irmãos com jornadas reduzidas de trabalho. Pais e netos, que todavia apresentaram uma proporção menor de eventos de atividades com rendimentos, são também os que mantêm as maiores durações diárias de trabalho. Como já observei acima, são as mulheres as que mais exibem eventos de jornada remunerada de trabalho na faixa de duração mais reduzida. Vejamos agora, pela Tabela 11, a frequência e a duração dos cuidados com as crianças

Tabela 11: Duração dos Eventos de Cuidados com as Crianças por Condição no Domicílio

Eventos	Homens e Mulheres: Condição no Domicílio			
	Do	Marido*	Mãe	Pai*
Até 1	8,4	-	-	-
1-4	14,9	87,5	4,8	100,0
4-8	12,3	12,5	28,6	-
8-12	5,2	-	-	-
12 e mais	59,1	-	66,7	-
Total	(154)	(8)	(21)	(1)

Nota: *Número de eventos extremamente pequeno

A duração dessas atividade para as donas de casa é a seguinte: 8,4% dos eventos perfazem até 1 hora; 14,9% de 1-4 horas; 12,3% de 4-8; 5,2% de 8-12; e 59,1% 12 horas e mais. Já entre as mães das donas de casa, 4,8% dos eventos duram de 1-4 horas; 28,6% de 8-12 horas e 66,7% 12 horas e mais.

Podemos constatar que os cuidados das crianças são exercidos pelas donas de casa, em menor proporção por suas mães, auxiliadas, em freqüência e intervalos de tempo reduzidos, pelos maridos, e quase sem o apoio de seus pais. Podemos agora retornar ao tema inicial, vinculando tempo e espaço.

Tempo, Espaço e Duração dos Eventos

Tabela 12: Duração dos Eventos de Trabalho Remunerado por Vizinhança

Trabalho Remunerado							
Eventos Duração em Horas	Vizinhanças						
	Ururaí	Brasília	Brilhant e	Am.P.	Tapera	Ilha	Rua da Plant.
Até 1	1,7	49,0	1,8	1,2	-	-	42,1
1-4	20,0	10,1	21,5	13,5	33,3	4,5	13,2
4-8	73,3	39,9	70,2	74,1	63,6	95,5	31,6
8-12	-	0,5	0,9	3,1	-	-	5,3
12 e mais	5,0	6,7	5,7	8,1	3,0		7,9
Total	(60)	(386)	(278)	(259)	(33)	(22)	(76)

Abreviaturas: Brillh. = Brilhante; Bras. = Brasília; Am.P. = Amaral Peixoto; Rua da Plant.= Rua da Plantação.

Pela Tabela 12 podemos observar que na Rua da Plantação e em Brasília, a duração do trabalho remunerado é pequena. Isto ocorre porque a Plantação Cupim nessa época, já havia quase totalmente concluído as atividades de corte de cana, restando algumas poucas horas de trabalho a serem efetuadas. Brasília se conta, assim, entre as vizinhanças que mais cedo sofrem cortes de trabalho. Aí, contudo, as aposentadorias dos mais velhos constituem uma fonte mais estável de rendimentos, embora pequena. Em

Brasília, também, residem vários que trabalham no setor terciário na empresa e detêm mais estabilidade no emprego. Neste local 49% das atividades remuneradas têm até 1 hora de duração; 10,1% duram de 1-4 horas; 39,9% de 4-8 horas; 0,5% de 8-12 horas e 6,7% 12 horas e mais. Na rua da Plantação, 42,1% dos eventos de trabalho remunerado duram até 1 hora; 13,2% duram de 1-4 horas; 31,6% de 4-8 horas; 5,3% de 8-12 horas e 7,9% duram 12 horas e mais. Portanto a Rua da Plantação é a dos que ficam com as condições de vida mais precárias, podendo obter alguma subsistência de atividades agrícolas em benefício próprio, possibilidade reduzida em comparação com os direitos de moradia predominantes no passado, quando os trabalhadores recebiam lote para cultivo e criação, leite e açúcar.

Em Ururaí, Brilhante e Tapera residem muitos dos que trabalham no setor terciário. Esta situação é mais acentuada entre os moradores do Brilhante que não têm suas atividades imediatamente interrompidas com a diminuição do corte da cana pelo sistema de plantação. Porém em Ururaí e na Tapera a distribuição é a seguinte: 1,7 e nenhuma ocorrência, com até 1 hora de duração; 20% e 33,3% de 1-4 horas; 73,3% e 63,3% de 4-8 horas; 5% e 3% de 12 horas e mais. Os moradores nas demais vizinhanças são menos dependentes da Cupim, contando com outras alternativas de trabalho remunerado. Na Amaral Peixoto, a distribuição encontrada é a de 1,2% dos eventos com até 1 hora de duração; .13,5% de 1-4 horas; 74,1% de 4-8 horas; 3,1% de 8-12 horas e 8,1% com 12 horas e mais. Os residentes na Ilha (95,5%) são os que mais contam com alternativas de trabalho, pois a quase totalidade dos eventos recai no intervalo de 4-8 horas de duração e apenas 4,5% duram 1-4 horas. Suas atividades de trabalho mais diversificadas que as dos residentes em outras vizinhanças, e contam com maior apoio dos membros jovens do grupo doméstico. Na Ilha há muitas mulheres empregadas como diaristas em serviços domésticos, bem como trabalhadores e trabalhadoras exercendo atividades contratadas por mediadores que recrutam os serviços agrícolas para outras empresas que ainda não cessaram suas atividades. Observemos agora pela Tabela 13 a duração dos eventos de atividade remunerada, desta feita, por tipo de moradia.

Tabela 13: Duração dos Eventos de Trabalho Remunerado por Tipo de Moradia em Relação a um Sistema de Plantação

Eventos	Tipo de Moradia
---------	-----------------

	Própria	Da Plantação	Sendo Adquirida	Invasão
Até 1	1,1	59,7	2,6	21,5
1-4	18,4	6,0	24,2	16,0
4-8	70,4	29,4	68,6	67,0
8-12	0,9	1,4	0,7	5,3
12 e mais	9,1	3,5	3,9	10,6
Total	(450)	(367)	(153)	(94)

Verifica-se que as casas da Plantação são as que registram o menor número de eventos de atividades remuneradas, seguidas pelas de Invasão. Nas primeiras, 59,7% dos eventos duram até 1 hora; 6% de 1-4 horas; 29,4% de 4-8 horas; 1,4% de 8-12 horas e 3,5% de 12 horas e mais. Nas segundas, essas cifras são: 21,5% até 1 hora; 16% de 1-4 horas; 67% de 4-8 horas; 5,3% de 8-12 horas; e 10,6% de 12 horas e mais. Alguns membros dos grupos domésticos (cerca de 1/10 do conjunto de residentes em invasões) possuem intensas atividades de trabalho remunerado, cujos eventos perfazem 12 horas ou mais de duração. Talvez eles busquem compensar a perda de rendimentos, ampliando a jornada. Talvez, ainda, o grande número de horas de trabalho diárias se deva à natureza do trabalho que exercem - com grande presença de empregos informais.

Também nas casas Próprias e nas Sendo Adquiridas há jornadas incompletas (com maior concentração na faixa de até 4 horas de trabalho remunerado). A distribuição pelos dois tipos de residência é respectivamente: 1,1% e 2,6% na faixa de até 1 hora de duração; 18,4% e 24,2% de 1-4 horas; 70,4% e 68,6% de 4-8 horas; 0,9% e 0,7% de 8-12 horas; e 9,1 e 3,9% de 12 horas ou mais

Vejamos agora, pela Tabela 14, o que acontece com a intensidade do trabalho doméstico, observando-se a duração dos eventos de cuidados com as crianças.

Tabela 14: Duração dos Eventos de Cuidados com as Crianças por Vizinhaça

Eventos Duração em Horas	Vizinhanças				
	Ururaí	Brasília	Brilhante	Amaral Peixoto	Rua da Plantação
Até 1	-	-	10,6	11,3	-
1-4	6,2	22,0	15,2	18,9	22,2
4-8	-	26,8	10,6	15,1	-
8-12	-	2,4	6,1	5,7	-
12 e mais	93,3	48,8	57,6	49,1	77,8
Total	(15)	(41)	(66)	(53)	(9)

Em Ururaí, 6,2% dos eventos de cuidados com as crianças duram de 1-4 horas, enquanto 93,3% duram 12 horas e mais. Na rua da Plantação 22,2% perfazem de 1-4 horas; 77,8% de 12 horas e mais. Já Em Brasília, 22% dos eventos duram de 1-4 horas; 26,8 de 4-8 horas; 2,4 % de 8-12 horas; e 48,8% de 12 e mais horas. No Brilhante, 10,6% dos eventos de cuidados com as crianças duram até 1 hora; 15,2% de 1-4 horas; 10,6% de 4-8 horas; 6,1% de 8-12 horas; 57,6% compreendem 12 horas e mais. Já na Amaral Peixoto, zona residencial mais pobre, 11,3% duram até 1 hora; 18,9 de 1-4 horas; 15,1 de 4-8 horas; 5,7% de 8-12; e 49,1% de 12 horas e mais. Qualquer que seja a vizinhança predominam os cuidados de 12 horas e mais. Esta duração é excepcional quando se efetuam comparações internacionais (Szalai 1972; Souza 1972).

Tabela 15: Duração dos Eventos de Cuidados com as Crianças por Tipo de Moradia

Eventos	Tipo de Moradia			
	Própria	Da Plantação	Sendo Adquirida	Invasão
Até 1	6,3	2,4	16,7	-
1-4	13,7	23,8	16,7	27,3
4-8	14,7	16,7	8,3	18,2
8-12	1,1	4,8	11,1	9,1

12 e mais	64,2	52,4	47,2	45,5
Total.	(95)	(42)	(36)	(11)

Nas casas Próprias os eventos de cuidado com as crianças têm a seguinte duração: 6,3% até 1 hora; 13,7% de 1-4 horas; 14,7% de 4-8 horas; 1,1% de 8-12 horas e 64,2% de 12 horas ou mais. Nas da Plantação, 2,4% até 1 hora; 23,8% de 1-4 horas; 16,7% de 4-8 horas; 4,8% de 8-12 horas; 52,4 % de 12 horas ou mais. Nas casas Sendo Adquiridas, 16,7% duram até 1 hora; 16,7% de 1-4 horas; 8,3% de 4-8 horas; 11,1% de 8-12 horas; 47,2% de 12 horas ou mais; nas casas de Invasão, 27,3% dos eventos duram de 1-4 horas; 18,2% de 4-8 horas; 9,1% de 8-12 horas; 45,5% de 12 horas ou mais.

Também pela Tabela 15, o dado que suscita maior atenção é o de que independentemente do tipo de residência, os cuidados com as crianças constituem uma atividade que demanda muito tempo de quem as efetua. Os tipos de moradia que apresentam um menor número de eventos dessa tarefa, em termos absolutos, são também aquelas que exibem maior proporção de moradores com um perfil de atividades composto por horas longas de cuidados com as crianças. As casas Próprias e as de Plantação são as que apresentaram maior relação de dependência dos trabalhadores (atual ou passada) para com o sistema de plantação. A história de dependência deixa sinais pelo tamanho das famílias dos que já foram moradores na plantação, sendo as que mais relacionaram o tamanho da família com o trabalho familiar não remunerado. Elas também são as que apresentam o maior número de eventos de cuidados com as crianças.

Enquanto o trabalho remunerado se apresenta diferenciado por vizinhança e tipo de moradia – a história do vínculo de atrelamento à plantação Cupim afeta a redução da jornada de trabalho na entresafra. Já o trabalho com as crianças permanece extremamente árduo. A demanda infantil por atenção incide mais entre as vizinhanças e tipos de moradia que tradicionalmente dependeram do número de filhos para a realização do trabalhos agrícolas pela família. Algumas vizinhanças e tipos de moradia ainda contam com um grande número de crianças que solicitam cuidados e atenção do grupo doméstico.

Incluiremos mais um indicador da divisão do trabalho por gênero, uma vez que os cuidados com as crianças são exercidos apenas em uma parcela das casas.

Tabela 16: Duração dos Eventos de Preparo da Comida por Tipo de Moradia

Eventos Duração em Horas	Tipo de Moradia			
	Própria	Da Plantação	Sendo Adquirida	Invasão
Até 1 hora	96,1	84,4	97,8	89,7
1 hora e mais	3,9	15,6	2,2	10,3
Total	(766)	(196)	(146)	(419)

Tabela 17: Duração dos Eventos de Limpeza da Casa por Tipo de Moradia

Eventos Duração em Horas	Tipo de Moradia			
	Própria	Da Plantação	Sendo Adquirida	Invasão
Até 1 hora	80,5	77,4	83,8	80,1
1 hora e mais	19,5	22,6	16,2	19,9
Total	(411)	(124)	(99)	(79)

Pelas Tabelas 16 e 17 observamos que nas casas de Plantação e de Invasão leva-se mais tempo preparando comida (respectivamente 15,6% e 10,3% dos eventos duram 1 hora ou mais) e limpando casa (22,6% e 19,9% dos eventos desta natureza perfazem 1 hora ou mais) do que nas casas Próprias ou Sendo Adquiridas (em contraste com 3,9% e 2,2%; e 19,5% e 16,2%). A rusticidade dos equipamentos domésticos possivelmente explica a diferença encontrada com a pesquisa de Neto e Mota (1987). As autoras indicaram que nas residências mais pobres de um bairro proletário que estudaram, levava-se pouco tempo preparando comida, o que atribuíram à ausência de recursos alimentares.

Quando a luz é cortada na região que compreende o conjunto de vizinhanças, fato comum na entresafra, a vantagem das casas melhores se reduz e o padrão de vida dos distintos estratos residenciais se aproxima.

Conclusões

Espaço e tempo cotidianos estão vinculados no presente estudo. Utilizando dois indicadores da dimensão espacial, um que destaca a vizinhança onde se localiza a residência, e o outro que aponta para a condição de propriedade - pela variável tipo de moradia - observei que o grau de distanciamento entre os espaços da casa e do trabalho remunerado afeta a disponibilidade de pessoas em casa, situação que é acentuada na entresafra. Uma semana desta estação de cultivo, numa plantação canavieira, foi selecionada para o estudo das atividades cotidianas de trabalhadoras e trabalhadores, bem como as de seus familiares. Quanto maior o controle da empresa sobre o espaço doméstico pelo vínculo de moradia, maiores as dificuldades de complementação do orçamento doméstico encontradas pelas famílias que vivenciam este tipo de situação. Quando a relação de moradia se altera e os trabalhadores passam a deter a propriedade de suas residências, os membros do grupo doméstico se organizam na luta pela subsistência, efetivando ampla coordenação de suas atividades, concatenando tarefas domésticas e remuneradas, onde todos colaboram, embora a maior responsabilidade pelo trabalho caseiro seja das mulheres, e a de provisão dos homens.

Para os setores médios, dá-se uma forma de organização distinta, no caso da separação entre locais de atividade remunerada e de moradia. Esses grupos domésticos, seguindo um padrão de família nuclear ou quase nuclear, efetuem uma acentuada divisão por gênero, com especialização das funções domésticas e de provisão da casa, entre homens e mulheres.

Entre os trabalhadores agrícolas, contudo, as unidades de cooperação se reduzem, com maior sobrecarga para as donas de casa que ampliam suas tarefas. Elas combinam os trabalhos em casa, com os de provisão doméstica, ajudadas eventualmente por outros parentes que também dividem suas atividades por gênero.

Uma diferenciação do espaço corresponde a uma estratificação social das atividades na empresa, o que permite endossar uma hipótese de Giddens (1987). O

fenômeno que estudei, todavia, não se refere ao espaço interno da fábrica, mas aos locais de trabalho e de moradia, cujo grau de distanciamento possui implicações para o uso do tempo pelos membros dos grupos domésticos relacionados à plantação.

As crianças, por não possuírem a habilidade de monitorar suas atividades, nem o domínio do tempo - como um símbolo de alta capacidade síntese (Elias 1992 a; 1992 b) -, efetuam demandas de atenção dos mais velhos, que sofrem, simultaneamente, outras solicitações de tempo oriundas da sociedade organizada. Os adultos com filhos pequenos acham-se divididos entre o atendimento das necessidades infantis e as do mundo agrícola e fabril. A resultante é uma divisão do trabalho por gênero, pouco equitativa, pois os que se especializam em trabalhos não remunerados, numa sociedade capitalista, ficam mais propensos ao empobrecimento, nos casos de dissolução de casamentos ou uniões.

Na pesquisa descobrimos três tipos de arranjos domésticos: famílias estendidas, com solidariedade ampliada e eventual democratização das tarefas domésticas; famílias nucleares ou quase nucleares, com acentuada divisão do trabalho por gênero; e famílias que se organizam em volta das atividades das mulheres que assumem com maior frequência o papel de provedoras domésticas (Figueiredo 1980), além das responsabilidades com a casa, apoiadas marginalmente por outros parentes que dividem funções de acordo com o gênero.

Observamos, seguindo Barbara Adam (1991) e Elias (1992 a; 1992 b) uma aproximação entre natureza e cultura. A natureza se faz sentir, também no que se refere ao trabalho remunerado, com o exercício, na entressafra, de atividades de provisão, pelas donas de casa, embora de duração curta. Confirmando o caráter convencional da semana, encontramos diferenças no uso do tempo entre os dias da semana e os Sábados e Domingos, observáveis pelos padrões de distribuição do lazer, de limpeza, dos cuidados com as crianças e do trabalho remunerado, nestes dias. A maior disponibilidade de pessoas em casa, no final de semana, ou na entressafra, não reduz a intensidade dos cuidados com as crianças pelas donas de casa, nem as tarefas domésticas entre as mulheres, embora seus encargos fora de casa aumentem. Os empregados no setor terciário, cujos padrões de organização doméstica se aproximam da família moderna, investem um pouco menos de tempo na manutenção física de suas casas, dotadas de fogão a gás, água encanada e banheiro. Aí habitam famílias mais jovens e relativamente menos dependentes dos pais. Os que habitam em residências mais precárias, precisam investir mais tempo na cozinha e na limpeza, quando, por exemplo, transportam água. Os que pertencem a grupos domésticos que tradicionalmente realizaram atividades

familiares não remuneradas, e possuem famílias extensas, são os que distribuem mais o tempo nos cuidados com as crianças. Os que contam menos com a ajuda dos familiares e são menos dependentes dos pais, quando possuem filhos pequenos, adotam um padrão organizacional da vida cotidiana que restringe mais as donas de casa à vida doméstica. Apesar das variações de organização doméstica por vizinhança e tipo de moradia, o caráter patriarcal da divisão do trabalho por gênero sofre pequenas alterações, mesmo quando se considera a entresafra ou os finais de semana.

Bibliografia

Acharya, Meena. 1982. "Time Use and the Living Standards Measurement Study", The World Bank Development Research Department. Working Paper Series #18.

Adam, Barbara. 1990. **Time and Social Theory**. Cambridge: Polity Press.

Aguiar, Neuma e Selene Herculano do Santos. 1988. "Os Dez anos do Grupo: A Mulher na Força de Trabalho da Anpocs: Um Inventário". Trabalho apresentado à Reunião Intermediária do Grupo. Rio de Janeiro: IBAM, 95pgs.

Aguiar, Neuma. 1996. Grupo Doméstico, Gênero e Idade: Análise Longitudinal de Uma Plantação Canavieira. Tese apresentada à Universidade Federal de Minas Gerais em Concurso para Professora Titular de Sociologia.

Barbieri, Teresita de. 1992. "Sobre la Categoría Género: Una Introducción Teórico-Metodológica, **ISIS**,#4, pp.111-123.e

Becker, Gary. 1975. "A Theory of the Allocation of Time". **Economic Journal** 75, pp.493-517.

Britto, Alda e Neto, Zahidé Machado. 1982. "Tempo de Mulher, Tempo de Trabalho: Um Estudo de Caso entre Mulheres Proletárias em Salvador". **Espaço e Tempo de Mulher: Cadernos de Pesquisa #4**, maio pp.1-36

Bruschini, Maria Cristina. 1983. "O Uso do Tempo entre Famílias de Classe Média em São Paulo". **Espaço e Tempo de Mulher: Cadernos de Pesquisa #4**, maio.

Bull, C, Neil.1979. "Chronology: The Field of Social Time". **Journal of Leisure Research**, 4th Quarter, pp.289-297.

Castro, Mary e Lena Lavinias. 1992 "Do Feminino ao Gênero: A Construção de um Objeto".Uma Questão de Gênero. Albertina de Oliviera Costa e Cristinas Bruschini (coords.)Uma Questão de Gênero. Riód de janeiro: Rosa dos Tempos.

Cebotarev, Eleonora A. 1985. "Organização do Tempo de Atividades Domésticas e Não Domésticas de Mulheres Campezinhas". **A Mulher na Força de Trabalho na América Latina**. Neuma Aguiar (org.). Petrópolis: Editora Vozes.

Domingues, José Maurício. 1995. "Sociological Theory and the Space-Time Dimension of Social Systems". **Time&Society**, vol. 4 (2), pp. 233-250.

Elias, Norbert. 1992. **Time: An Essay**. Oxford: Blackwell.

----- . 1992. **The Symbol Theory**. Londres: Sage.

Farias, Zaira Ary. 1982. "Contribuições Recentes para o Estudo do Orçamento de Tempo: Uma Resenha. VI Encontro Anual da Anpocs, Nova Friburgo, ms.

Figueiredo, Mariza. 1980. "O Papel Sócio-Econômico das Mulheres Chefes-de Família em uma Comunidade Pesqueira do Litoral Norte da Bahia. **Cadernos de Debate #6**, pp. 35-78.

Giddens, Anthony. 1984. **The Constitution of Society: Outline of the Theory of Structuration**. Cambridge: The Polity Press.

-----, 1987. "Time and Social Organization". **Social Theory and Modern Sociology**. Cambridge: The Polity Press, pp. 140-165.

-----, 1995. **A Contemporary Critique of Historical Materialism**. Londres: MacMillan Press.

Gross, Daniel R. n/d. "Time Allocation: A Tool for the Study of Cultural Behavior", ms.

Jary, David. 1991. "Society as Time Traveller": Giddens on Historical Change, Historical Materialism and the Nation-State in World Society". **Giddens' Theory of Structuration: A Critical Appreciation**, Christopher G. Bryant e David Jary (orgs.). Londres: Routledge, pp. 116-159.

Naciones Unidas. 1995. **Cuarta Conferencia Mundial Sobre la Mujer**, Beijing, 4-15 de septiembre. A/CONF. 117/20.

Sewell, William. 1990. "Three Temporalities: Towards a Sociology of the Event Theory". **Theory and Society**, 19.

Sorokin, P.^a r R. K. Merton. 1937. "Social Time: S Methodological and Functional Analysis". *American journal of Sociology*, 42, pp. 615-29.

Souza, Amaury. s/d. *As 24 hora do Dia de um Carioca*. Rio de Janeiro, ms.

-----, 1972. "O Uso do Tempo como Medida da Qualidade de Vida Urbana". **Revista de Administração Pública** 6 (1). jan./mar, pp. 51-75.

Szalai, Alexander. 1972. **The Use of Time: Daily Activities of Urban and Suburban Population in Twelve Countries**. Paris: Mouton.

-----1975. "The Situation of Women in the Light of Contemporary Time-Budget Research". Paper Presented to the World Conference of the International Women's Year, Mexico City. United Nations E/CONF.66/BP/6.

Thompson, E.P."Time Work Discipline and Industrial Capitalism". Past and Present, 36, pp. 57-97.

Urry, John. 1991. "Time and Space in Giddens"Social Theory". **Giddens"Theory of Structuration: A Critical Appreciation, op.cit**, pp.160-175.

Vaitsman, Jeni, 1994. **Flexíveis e Plurais: Identidade, Casamento e Família em Circunstâncias Pós-Modernas**. Rio de Janeiro: Rocco.

Zerubavel, Eviatar. 1985. **Hidden Rhythms: Schedules and Calendars in Social Life**. Berkeley: University of California Press.

-----1985. **The Seven Day Circle: The History and Meaning of the Week**. Londres: Collier Macmillan Publishers.
